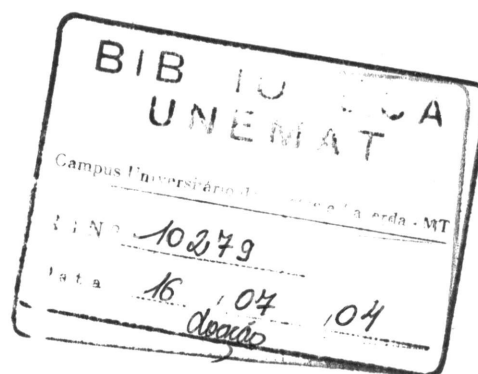


Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT

IVONEIDE DA SILVA LIMA

O IMAGINÁRIO NA CONSTITUIÇÃO DOS SENTIDOS



Pontes e Lacerda
2003

Ivoneide da Silva Lima

O IMAGINÁRIO NA CONSTITUIÇÃO DOS SENTIDOS

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Cleunice Maria de Andrade

Pontes e Lacerda
2003

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Local e data da aprovação

À minha mãe

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que me concedeu saúde, força e ânimo para enfrentar e superar os obstáculos e problemas encontrados nessa jornada e por ter me presenteado com o carinho de pessoas amigas e bondosas, que em muitos momentos me estenderam a mão, para que eu pudesse conquistar o meu objetivo;

Especialmente à minha mãe, Ivoneti da Silva Lima, que foi o maior motivo da concretização desse trabalho;

Ao meu pai, José André Ferreira Lima, ao meu irmão: Juscimar da Silva Lima e ao sobrinho: Hítolo Flamel dos Santos Lima e a todos os familiares e amigos que direta ou indiretamente contribuíram. A vocês, o meu profundo reconhecimento e carinho pelo apoio que me concederam, sabendo valorizar e compreender o meu elevado esforço e persistência, dispensando-me do convívio mútuo, para que pudesse cumprir com meus deveres e lutar para alcançar mais essa vitória em minha vida.

Aos professores e funcionários da Unemat, pela contribuição do saber e também pela paciência que tiveram comigo no decorrer do curso;

À minha orientadora, profª Cleunice Maria de Andrade, pela dedicação e empenho na orientação da produção desse ensaio monográfico.

(...) O sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas (...)
(ORLANDI, 1993).

SUMÁRIO

RESUMO-----	06
INTRODUÇÃO-----	07
A HISTORICIDADE DA FÁBULA -----	08
UM OLHAR SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO-----	10
SISTEMATIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> -----	12
O IMAGINÁRIO NA CONSTITUIÇÃO DOS SENTIDOS -----	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	19
BIBLIOGRAFIA -----	20
ANEXOS -----	21

RESUMO

O presente texto aborda o resultado de uma pesquisa feita com alunos de 5^{as} e 6^{as} séries do Ensino Fundamental, na qual os entrevistados, após ouvirem a narração de uma fábula intitulada “Os amigos e o urso” interpretaram-na. A interpretação feita pelos alunos é analisada à luz da teoria da Análise do Discurso(A.D.).

Pudemos constatar impressionantes interpretações, nas quais a maioria dos alunos entrevistados relatam experiências de vida e conflitos do cotidiano, o que nos leva a crer que em todas as produções textuais o sujeito deixa suas marcas, ainda que essas sejam inconscientes.

Destacamos como objetivo principal o funcionamento polissêmico da leitura, a elevação do imaginário do aluno e o poder de construção e interpretação que se relaciona à constituição ideológica do sujeito. Através da análise feita apontamos os vários tipos de discursos que podemos encontrar num texto.

INTRODUÇÃO

Durante os anos de graduação convivemos com vários professores do Ensino Fundamental, os quais alegavam que a maioria de seus alunos não conseguiam interpretar o que liam, ou se interpretavam davam sentidos contrários ao que estava escrito.

Diante de tal problemática resolvemos investigar o porquê de tal acontecimento. Para isso contatamos com alunos de um projeto social que tem parceria com a UNEMAT a fim de pedir a participação deles para o desenvolvimento de nosso trabalho. Tivemos a colaboração de sete (07) alunos, os quais não fizeram nenhuma objeção para atender à nossa solicitação. Pedimo-lhes que ouvissem a história “Os dois amigos e o urso”, retirada do livro fábulas de La Fontaine e posteriormente fizessem a interpretação da mesma através de uma produção escrita.

Os textos foram produzidos a partir da interpretação individual de cada aluno que o construiu sem nenhuma preocupação com normas e regras gramaticais (anexos).

Pudemos observar o quanto foi produtiva a elevação do imaginário desses alunos na produção. Os mesmos fizeram interpretações surpreendentes, nas quais percebemos como os produtores deixam-se influenciar pelo meio que os cercam. Isto é, os autores constroem seus textos a partir de seu lugar ideológico.

Constatamos através dessa pesquisa, várias situações vividas pelas crianças. Alguns produtores até deixaram transparecer os seus sentimentos e anseios, os quais muitas vezes não têm espaço para expressar no cotidiano.

O resultado das interpretações dos referidos autores foram analisados, de forma bem modesta e sucinta, à luz da teoria da Análise do Discurso(AD) e estão à disposição do leitor.

Embalsamo-nos teoricamente em Pêcheux in Orlandi(1999) e Orlandi (1993 - 1997).

A HISTORICIDADE DA FÁBULA

Segundo Esopo, Fedro e Jean de La Fontaine a fábula é uma narrativa alegórica produzida em prosa ou versos, que na maioria das vezes possui animais com personagens, o que a torna atraente para as crianças, que sem dúvida apreciam os animais.

A fábula traz na conclusão uma lição de caráter moral com espírito realista e irônico, comportando-se duas partes: a narrativa e a moralidade.

A narrativa mostra as imagens, a forma sensível e o corpo dinâmico e figurativo da ação, enquanto a moralidade, define os conceitos, ou noções na qual se pretendem salientar no efeito de verdade proposto aos homens.

O surgimento da fábula se divide em três períodos: oriental, medieval e moderno, cada qual com um fabulista em destaque. No período oriental, a moralidade constitui a parte fundamental nas fábulas, passando da Índia para a China, o Tibet e a Pérsia, terminando na Grécia com Esopo. A fábula tem sido usada desde cedo no oriente como um veículo de doutrinação budista. No ocidente a fábula chegou através da obra *Panchatantra*, escrita em sânscrito e traduzida em árabe no século VIII. A obra ficou conhecida pelo título de *Fábulas Bidpay* e posteriormente foi retraduzida para várias línguas.

Durante esse período o fabulista grego, em destaque é Esopo que explorava as fábulas de Demétrio de Falero no século IV a. c. como orador, que contava histórias com o objetivo de convencer os ouvintes, a agir de acordo com sua ideologia na defesa de seus próprios interesses. Diante disso Aristóteles afirma que a fábula esópica é uma das formas da arte de persuadir, e não poesia.

Já no período medieval da fábula, dá início, com as inovações feitas por Fedro, fabulista latino que fixou a forma literária do Gênero, tornando-o poeta. Por ser um escritor latino suas escritas são compostas por sátiras amargas e críticas aos costumes e pessoas de seu tempo. Mesmo estando no sé. III da era cristã, Fedro e Bábrio, importantes escritores do período, a partir dos modelos de Esopo, produziram poeticamente.

Na idade média, por volta do séc. XII cultivaram-se extremamente a tradição esópica. A famosa fabulista Marie de France, foi a que mais se destacou. Apesar das escritas não serem consideradas fábulas propriamente ditas, continham

características e analogias das fábulas, pois através de animais, eram feitas as críticas com objetivo de instruir o leitor de forma descontraída.

Enquanto nos períodos anteriores, os fabulistas seguiam o modelo de Esopo, no terceiro período, o moderno, se destacou Jean da Fontaine, fabulista francês que muito contribuiu e fez da fábula um pequeno teatro no qual o ser humano pôde se encontrar, segundo sua própria construção de expressão e conhecimento.

La Fontaine além de ser um importante fabulista, conquistou ainda indiretamente vários seguidores, que muito contribuíram para o progresso fabulista de muitos países. Na França, que se destaca Jean Pierre de Florian, na Espanha Tomás de Iriarte e em Portugal, o famoso escritor Bocage, que além de produzir La Fontaine em versos, produziu fábulas originais.

Na Inglaterra teve grande enfoque a sátira política produzida por John Gay o Lord do Tesouro e a fábula das abelhas, de Bernad Madeville, o que elevou o nível alegórico da política.

Na Alemanha o fabulista mais popular foi Christian Gellert, e o mérito de melhor fabulista do séc. XIX, foi conquistado pelo russo Ivan Krilov, por ter um estilo original. O mesmo construía suas fábulas com personagens de homem rústico como seu herói predileto, ele usava a fábula também como meio de expressar suas idéias e críticas às rígidas leis impostas pelo estado político.

Em Portugal destacaram-se Bocage e Garret, e no século XX Cabral do Nascimento. No Brasil temos como exemplos, escritores de grande importância na Literatura Brasileira, que criaram suas fábulas inspirados no folclore e na literatura oral. São eles: Luís de Vasconcelos, Monteiro Lobato, Catulo da Paixão Cearense, Antônio Sales, José Oiticica e o Marquês de Maricá, que construíram suas fábulas seguindo suas inspirações literárias.

UM OLHAR SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

Segundo Eni Pulcinelli Orlandi (1999), o significado da palavra “discurso”, traz em si próprio a idéia de curso, algo em movimento, percurso. É o movimento da palavra em uso, a prática de linguagem, a expressão oral e escrita do homem resulta no discurso, estudado por vários pesquisadores da Linguística.

A Análise do Discurso (A.D.) procura analisar e compreender o sentido da língua, nas variadas situações de uso. A (A.D.) observa o lugar ideológico do falante enquanto ser social e sua constituição histórica. A linguagem é também compreendida como mediadora entre o homem e a realidade natural e social, ou seja a base principal da análise do discurso no campo simbólico está na existência do homem, suas ações e comportamento, enquanto usuário da língua.

De acordo com Orlandi e Pêcheux (1975) “... não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia...” (1975, p.17).

Segundo Pêcheux a língua não faz sentido se não pelo indivíduo que é sujeito à ideologia que o interpela. A língua só possui sentidos quando usada pelo sujeito e para o sujeito. A A. D. se distingue da análise de conteúdo, pois a mesma trata de estudar e observar o significado em termos simbólicos e semânticos. Nas palavras de Orlandi “o texto em si, é uma totalidade de sentidos particulares com sua natureza específica” (1999, pág. 18). Isto significa dizer que um texto tem muito o que se analisar, e pode se encontrar vários sentidos, de acordo com a visão de leitura de cada leitor. Enquanto a análise de conteúdo só contempla os sentidos, observando o que o texto quer dizer, sabemos que o externo já está implícito no texto.

Para Orlandi as relações de linguagem são também relações de sujeitos e de sentidos, seus efeitos são múltiplos e distintos, ou seja, o discurso é um efeito de sentidos entre locutores. Nesse contexto pode se afirmar que ideologia e inconsciente estão interligados. A ideologia funciona como produtora de evidências e coloca o homem na relação imaginária de suas condições materiais de existência, isto é, condições sociais. Ela é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, influenciado pela mesma. O indivíduo se torna sujeito e constrói o dizer que ao falar ou produzir vem à tona suas marcas sociais e históricas. É nesse processo de interpelação ideológica que surge a discursividade.

Como dissemos a A.D. estuda a linguagem, analisando-a nos vários fatores de funcionamento, tais como: a legibilidade, a sinonímia, a polissemia e todas as formas de representação do sujeito autor e seu procedimento enquanto produtor de um texto.

No processo de análise temos que observar a legibilidade do texto, que corresponde à coesão, coerência e marcas do autor envolvendo todos os elementos dos quais se forma um texto, considera-se à todos os elementos colocados por diferentes autores e suas relações de leitor, autor e texto.

Como segmento de fatores analisados pela análise do discurso no texto há a paráfrase e a polissemia que são dois grandes fatores no processo da linguagem, os quais têm grande importância na produção textual e são considerados como a matriz e a fonte do sentido.

De acordo com Orlandi e Ducrot, existem três funções enunciativas do sujeito: a de locutor, em que o sujeito se representa como eu no discurso, a de enunciador que é a perspectiva construída por esse eu no discurso, e ainda nesse processo temos a função autor em que esse sujeito demonstra o quanto está afetado pelo social e suas ideologias impostas a ele, que reproduz inconscientemente. Estas são as formas de representação do sujeito.

Orlandi aborda a noção de sujeito e a identidade do leitor com dois objetivos principais: o interno e o externo: o objetivo interno busca tornar mais claras algumas noções e explicitar certos processos que são observados pelo análise do Discurso, como a interação entre autor e leitor e o objetivo externo que procura contribuir para a reflexão sobre a leitura.

Para se analisar um texto é necessário ainda, observar os critérios propostos pela A. D. para que se possa ter êxito na análise e não se confundir com os vários elementos que podemos encontrar num texto, seja esses gramaticais ou lingüísticos.

SISTEMATIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Na introdução deste dissemos que, a nossa pesquisa foi impulsionada pelo desejo de verificar o motivo que leva os professores a dizerem que os alunos não sabem interpretar.

A partir do estudo dos contos e fábulas na disciplina de Literatura Infantil e Juvenil, no VII semestre do curso de Letras, observamos a importância de incentivar os alunos a lerem contos e fábulas.

Através da referida disciplina vimos como esse estudo pode despertar o progresso da criança no tocante ao conhecimento do mundo real, através da ficção.

Mediante ao exposto resolvemos fazer um estudo usando a fábula com alunos do Ensino Fundamental, pertencentes a um projeto social que tem parceria com a Unemat.

Salientamos que o referido projeto agrega crianças de diferentes classes sociais, residentes em variados bairros da nossa cidade.

O objetivo dessa pesquisa é constatar o sentido que a fábula transmite às crianças. Para a análise das interpretações dos textos produzidos levaremos em consideração a realidade natural e social, e também seu lugar ideológico.

Com base na teoria dos autores da Análise do Discurso (AD), analisaremos cada texto produzido após a leitura de uma fábula. Escolhemos a fábula porque sabemos que a mesma contém uma moral que movimenta a consciência infantil e provoca a criticidade e associação da realidade com a ficção. A fábula escolhida para ser trabalhada foi “Os dois amigos e o urso” retirada do livro “Fábulas de La Fontaine.

O IMAGINÁRIO NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Após o estudo da A. D. e de acordo com a mesma analisaremos os termos estudados pela Lingüística no discurso dos textos produzidos pelos alunos identificado pelas letras A, B, C, D, E, F, G. Destacaremos as formas de interpretação de cada sujeito diante de um mesmo texto. A fábula que subsidiou as produções encontra-se em anexo. Analisaremos a interpretação de cada aluno observando o contexto social de cada produtor.

Nos textos em análise, um dos aspectos predominantes na maioria deles é a paráfrase – reprodução do mesmo sentido sob várias formas. (...) *leitura parafrástica se caracteriza pelo reconhecimento (reprodução) do sentido dado pelo autor (...)* (Orlandi, 1987 p.12)

O autor do texto A coloca como título o desfecho da história narrada na fábula e nomeia-o como “Um falso amigo”. A partir desse enunciado podemos notar que o que chama mais a atenção dele é a falsidade daquele que se dizia amigo. No final do texto, o referido autor descreve a moral da fábula de acordo com suas experiências de vida e conhecimento social levando em consideração a ideologia que funciona no comportamento de cada um.

Essas variações segundo a A.D. são caracterizadas como uma questão lingüística, pedagógica e social, todas integradas ao funcionamento do discurso.

(...) deve se levar em consideração a compreensão de acordo com a realidade natural e social do aluno que traz para a leitura, a sua experiência discursiva, que inclui sua relação com todas as formas de linguagem. (Orlandi, 1993 p.38).

O aluno A descreve a lição que o texto passa para ele (...) *eu aprendi que a gente deve ser amigo com as pessoas porque na hora de perigo a gente tem um amigo perto para ajudar...* (Autor A).

Nesse trecho está implícito a ideologia de formação do cidadão, a qual determina o comportamento na sociedade. Certamente o autor do referido texto vivenciou esta experiência e isso o marcou. O autor A cita a expressão (...) *a gente deve ser amigo(...)*, podemos observar nesse trecho a força do discurso autoritário ideológico, isto é, *em que a polissemia é contida e o referente está apagado pela reação estabelecida pela linguagem e o locutor se coloca como*

agente exclusivo(...) (Orlandi, 1999 p.86). O discurso autoritário identifica-se através da locução verbal “deve ser”.

Para o autor A não é um sentimento natural ser amigo e ajudar alguém, para ele deve ser assim porque a ideologia está imposta a ele de alguma maneira, para que possa agir dessa forma diante de situações como essa.

Segundo a A.D. o autor do referido texto está afetado pelo social e as coerções que submete-o às regras das instituições, visando os procedimentos disciplinares.

Tal afirmação é reforçada quando ele destaca: (...) *E também que a gente conhece uma pessoa que não é amigo(...)*

Cremos que o autor tenha passado por situações iguais ou parecidas, com falsos amigos. Nossa afirmação é feita com base na descrição que o autor faz na história é como se ele estivesse vivendo o momento. O autor solta a imaginação e constrói seu texto com originalidade, faz até um desenho de demonstração dos “amigos e do urso”, um homem na árvore e o outro caído perto do urso.

O texto produzido pelo aluno B pode ter diferentes interpretações no contexto da produção. O título de seu texto é: “meu amigo pilantra”. O mesmo constrói sua produção como personagem ativa da história e envolve pessoas de sua família no contexto.

Podemos identificar através do texto o conflito no qual vive esse adolescente, que segundo a A.D. *é uma relação com as condições sociais do mesmo*. (Orlandi, 1999 p.46). Na primeira linha do texto ele fala do pai com um certo descaso, com essa expressão: (...) *se eu pudesse correr eu tinha deixado até meu pai para traz (...)*. Cremos que o fato do autor adolescente retratar o pai como personagem no texto está relacionado com a vida real que ele tem com seus pais (separados). O autor crê que tenha sido abandonado pelo pais e acha que o pais não gostam dele, pois mora somente com a mãe. Nossa afirmação é baseada na informação fornecida pela professora do referido autor.

Na concepção de Orlandi (1987) as relações de forças constituem o processo de produção e significação de um texto. Cremos que se o autor B estivesse vivendo uma realidade diferente certamente não teria essa interpretação.

Podemos ver também no texto a presença de um ser humano revoltado, como no momento em que fala de seu pai, e uma certa influência à violência, pois o mesmo deseja ter uma arma para se ajudar e proteger o amigo (...) *eu queria ter*

uma arma na mão eu teria corrido na certa e o deixado para trás(...) (Autor B). Aqui esse autor descreve a arma como protetora e usa-a como uma maneira que resolverá seus conflitos internos. Segundo ele quem tem uma arma está seguro e não precisa de ninguém para ajudar. Para o autor B, o amigo que correu está errado ao deixar o outro, mas na sua concepção as pessoas são egoístas. Ele acredita e afirma que se o amigo estivesse no seu lugar teria feito o mesmo com ele. De acordo com a A.D (...) a construção ideológica deste autor está repleta de relações com o social (...) (Orlandi, 1999 p. 47).

É observável em suas palavras a insegurança do autor nas pessoas que o rodeia. Ele acha melhor se defender sozinho, o mesmo não tem a esperança de que alguém o ajude. (...) *se o meu amigo tivesse no meu lugar eu sei que ele tinha me deixado para trás(...)*.

Vemos nessa produção que o aluno B relata o oposto de A, vale registrar que ambos são da mesma série. O autor B tem uma estrutura diferenciada desde a construção do texto até a interpretação. É predominante no texto de B (...) *se eu pudesse, eu queria (...)* sempre na primeira pessoa. O texto é constituído de um único parágrafo o que revela uma certa ansiedade e embaraço que vive na realidade.

O aluno C produz seu texto com ênfase no comportamento de um verdadeiro amigo. Ele demonstra através de figuras o comportamento dos amigos da história, que ele identifica como dois garotos, num espaço rural em que se encontra arvoredos.

Usando da paráfrase o autor descreve o mesmo episódio da fábula original, e na moral da história usa o discurso que podemos considerar religioso com as mesmas denominações do autoritário em suas determinações ideológicas (Orlandi, 1999) que faz parte de uma formação ideológica destacando que (...) *O verdadeiro amigo não é assim que deixa o seu amigo para traz (...)* isso é uma marca ideológica que o sujeito, inconscientemente, deixa em sua produção textual. O autor impõe sua posição diante do assunto, demonstrando um pouco de dúvidas dá sua opinião como algo a refletir. Ele diz: (...) *eu acho que é para que certas pessoas se tocassem de seus atos bons ou ruim (...)*. Através desse trecho ele dá uma lição de vida para que o ser humano possa ter um momento de reflexão sobre suas ações sociais. Um fator interessante destacado por C, é o fato de que se “descobre” o falso amigo, um descobrimento é sempre algo que ainda não tinha

conhecimento, e até o momento era considerado amigo de verdade e este provou não ser verdadeiro, essa idéia de C pode estar relacionada à fase de descobertas em que o mesmo está vivendo, descobrindo a realidade do mundo, e cada uma dessas descobertas tem grande importância para ele, por mais simples que isso seja estará sempre refletindo em sua vida.

O autor D também constrói seu texto a partir de paráfrases usando o mesmo título que o autor C, ele descreve o sossego do amigo na árvore enquanto o outro passava por perigo. Em sua produção podemos ver a interpretação do mesmo com relação ao “ser amigo”. Ele diz: (...) *o verdadeiro amigo não é aquele que está só nas horas boas*(...)(Autor D). Isso quer dizer que, ser amigo para ele é estar presente também nas horas difíceis e isso o tal “amigo” da fábula não fez, isto é, não agiu de forma verdadeira e sincera para com o outro.

Para concluir seu texto D escreve: (...) *o verdadeiro amigo é aquele que está do seu lado em todas as circunstâncias ruins ou boas*. (Autor D), ou seja, em sua compreensão o verdadeiro amigo é o que está presente a toda hora, nas alegrias, tristezas e perigos sem exceção. Segundo A.D. seu texto foi reproduzido de maneira parafrástica caracterizada pelo (...) *reconhecimento e reprodução do sentido dado pelo autor* (...) (Orlandi, 1996 p.200).

É o que podemos observar na maioria dos textos produzidos nesse trabalho de análise textual.

O autor E produz seu texto com uma interpretação diferenciada relacionada ao sentido do texto, começando pelo título que diz: “O amigo traidor”. Nesse texto temos um discurso também parafrástico mas com a intervenção do autor no texto, que descreve como seria a reação diante da situação, (...) *Eu acho que eu não ia fazer igual eu ia ajudar o meu amigo*. (Autor E).

Podemos ver nesse enunciado a insegurança e incerteza do mesmo com relação às suas ações, usando a expressão “Eu acho”, que indica que ao escrever o autor demonstra-se inseguro diante da situação, mesmo assim o seu parecer para como o amigo é compreendido como experiência de vida. Nas palavras dele: (...) *mas isso é só na hora que conhecemos o falso amigo* (autor E).

Segundo a A.D. podemos caracterizar nessa produção o discurso polêmico, que está relacionado com a compreensão e interpretação dos textos.

(...) *É através da caracterização dos funcionamentos discursivos que podemos determinar as formações discursivas que são definidas pela relação com a formação ideológica (...)* (Orlandi, 1996 p.232)

No texto analisado a seguir, produzido pelo autor F, podemos ver uma característica diferenciada, desde o título que diz: “O traidor”, Este inicia a produção em forma de narrativa, e usa o aspecto em que foi contada a história, descreve –a como legal e cita os amigos com o dois homens que usam a amizade com mentira, ou melhor, sendo falsos. O autor destaca a pouca importância que o amigo trata o companheiro no momento mais difícil. Como nos outros textos o autor F, também usa paráfrase, mas sendo um pouco crítico com a maneira de ser amigo do homem que não ajuda seu parceiro. O que pode ser identificado como um sentido diferente. Através do contexto da narrativa podemos observá-la e relacioná-la com a realidade.

O autor F, ainda que de maneira inconsciente, usa para finalizar suas idéias de um jogo de interesse, com a seguinte expressão: (...) *Eu aprendi que quando o outro precisa de ajuda temos que ajudar se não quando nós precisarmos nossos amigos não vão querer nos ajudar (...)* (autor F). Nessa fala podemos ver também, a intromissão do autor no texto reproduzido como lição de vida para si.

De acordo com a AD, é o funcionamento do discurso ideológico que está relacionado com a constituição do sujeito. Nas palavras de Pêcheux (1975) in Orlandi(1993 p.56) é (...) *o recalcamento inconsciente e o assujeitamento ideológico que estão materialmente ligados (...)*.

Como já dissemos através dos relatos vemos que o sujeito deixa suas marcas ideológicas nos textos produzidos..

No texto do autor G encontramos também diferenças na interpretação, o mesmo contém a legibilidade do autor e as precisas marcas do autoritarismo e da ideologia pedagógica, começando pelo título que diz: “O Iguorante”. Segundo a ideologia pedagógica, ignorante e o ser incompreensível, insensível e às vezes até sem educação.

Na interpretação desse autor “educação” pode não ter o mesmo conceito. (...) *Todas pessoas devem ajudar uns aos outros (...)* (Autor G).

Podemos notar nessa expressão o funcionamento do discurso autoritário relacionado com o discurso religioso, através do verbo “devem” que exprime

idéia de ordem e doutrinação. Isso segundo a AD está inserido em sua formação ideológica.

Num outro enunciado do autor G, temos: (...) *Eu acho que não é certo ficar sem ajudar as pessoas. Porque é falta de educação, quando uma pessoa pede uma ajuda para gente e nós não ajudamos* (...) (Autor G). Aqui a concepção de educação que o autor compreende, está em ajudar os outros, ou melhor ser solidário.

No último enunciado do seu texto o autor escreve: (...) *se alguém pedir ajuda para mim eu ajudarei se não for impossível* (...) (Autor G).

Para melhor compreensão a AD explica que a ideologia dominante que está implícita em todo o texto é identificada no discurso religioso que está impregnado no autor.

Com base na AD podemos afirmar que, *de um lado, as marcas são definidas pela sua relação com a ideologia e por outro derivam das condições de produção do discurso* (...) (Orlandi, 1996 p.132)

A partir da análise feita com base nos pressupostos da AD constatamos que há polissemia (múltiplos sentidos) nos textos produzidos pelos diversos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização desta pesquisa observamos que a fábula tem um grande potencial para a elevação do imaginário do adolescente na construção dos sentidos.

Vimos que, ainda hoje, a fábula através do imaginário, instrui, de forma divertida e descontraída o leitor. Através da moral o texto abre espaço para diversas interpretações. Isso ocorre pela interação entre o autor e o receptor.

Enfatizamos nesse trabalho o quanto é importante a liberdade de expressão do aluno para a construção de um texto. Vimos que o aluno precisa sentir-se com bastante liberdade para poder produzir. Para isso precisamos criar ambientes propícios para a produção textual.

Acreditamos que a contribuição do professor é muito importante para que o mesmo possa obter resultados positivos do trabalho. Vale ressaltar que o aluno deve sentir-se à vontade, isto é, sem a preocupação de interpretar o que o professor gostaria de ler.

Pudemos constatar que a essa liberdade concedida aos alunos é produtiva tanto para o educador como para o aluno, que ao mesmo tempo que expõe ao professor suas produções, expõe também sonhos e conflitos. Além disso, o aluno ao fazer sua interpretação amplia seus conhecimentos na relação feita com a realidade.

Esta é uma atividade que exige muito do educador, porque é necessário que ele acompanhe desde a primeira leitura do texto até a socialização do mesmo, pois assim o aluno – produtor se sentirá mais valorizado.

Outro fator relevante, é que o educador poderá identificar melhor os problemas do aluno e saber valorizar as distintas interpretações e produções textuais.

Consideramos como de fundamental importância que o professor tenha a convicção de que toda leitura é polissêmica e por isso mesmo os sentidos são interpretados a partir do lugar ideológico do produtor.

BIBLIOGRAFIA

FONTAINE, La. *Fábulas de la fontaine*. Ática, 1759.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

ANEXOS



OS DOIS AMIGOS E O URSO

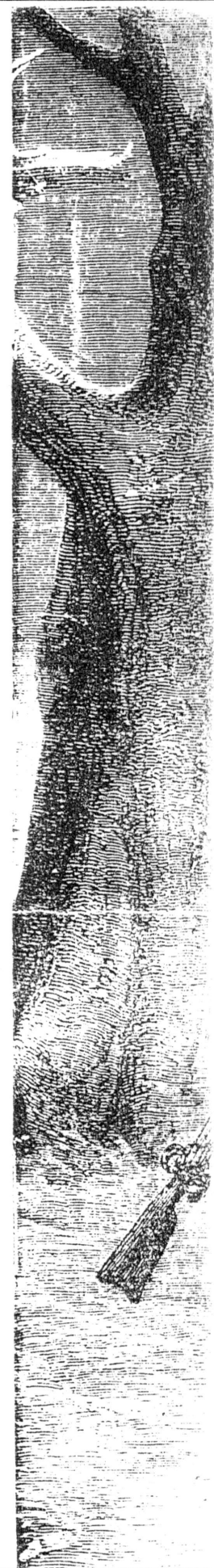
Iam os dois homens pela estrada
quando um Urso os atacou.

Enquanto um deles caiu,
o outro, em desabalada
fuga, numa árvore subiu.

O que ficou se fingiu
de morto. O Urso o cheirou,
mexeu, virou, revirou,
finalmente desistiu.

Depois que o Urso sumiu,
o outro, de volta, rindo,
ao amigo perguntou:
– Quando fugou teu ouvido,
o que o Urso falou?

– Que nas horas de perigo,
se conhece o falso amigo.



Um falso amigo

Era uma vez dois amigos que estavam passeando. Quando derrepente um urso apareceu, um dos amigos caiu e se fingiu de morto enquanto o outro saiu correndo e subiu numa árvore. O urso foi embora o amigo que estava em cima da árvore desceu e perguntou:

— O urso quando estava mecheda na sua orelha o que ele falou?

E o amigo respondeu:

— É na hora de perigo que si conhece um falso amigo

Com a história eu aprendi que a gente deve ser amigo com as pessoas por que na hora de perigo a gente tem um amigo perto para ajudar.

E também é que a gente conhece uma pessoa que fala ser um amigo mas na hora do aperto a gente conhece uma pessoa que não é amigo.

(“Mantida a grafia original do autor e preservada sua identidade”)

Meu amigo pilantra

Se eu pudese correr eu tinha deixado até meu pai para traz. Mas se eu pudese ajudar eu queria ter uma arma para ajudar o meu amigo mas se ele tivesse uma arma na mão eu teria corrido na sertã e o deixado para trás e não tinha ligado com nada. Eu sabia que eu estaria errado mas se o meu amigo tivesse no meu lugar eu sei que tinha me deixado para traz.

(“Mantida a grafia original do autor e preservada sua identidade”)

O Verdadeiro

Amigo

Nessa historia eu entendi que em uma estrada passava dois amigos até que um urso os o atacou um dos garotos ssubiu em uma árvore perto dali, e o outro ficou deitado no chão esperando o urso ir em bora , e o urso muito esperto revirou e revirou o garoto para ver-se ele estava morto mesmo o urso já-se cansando daquilo foi embora, seu amigo descendo da árvore, dando gargalhadas perguntou:

Quando o urso mecheu em sua orelha oque você sentio, ele me falou “que é messas ora que descobrimos o falço amigo”.

O verdadeiro amigo não é assim que deixa o seu amigo para traz, eu acho que é para certa pessoas se tocasem de seus atos boms ou ruim.

(“Mantida a grafia original do autor e preservada sua identidade”)

O Verdadeiro Amigo

Um dia, dois “amigos” estavam passando pela estrada um urso apareceu, e pegou um deles e o outro correu e no susto, ele subiu na árvore. E enquanto o urso cheirava a orelha e enrolava o outro o outro amigo estava encima da árvore sossegado.

E quando o urso foi embora o outro amigo desceu da árvore. Eu o que (desceu da árvore disse) o que o urso ficou falando pra você, ele disse que é nessa hora que nós vimos o falso amigo.

Eu entendi que o verdadeiro amigo não é aquele que está só nas horas boas. Mas sim o verdadeiro amigo é aquele que está do seu lado em todas as circunstâncias ruins ou boas.

(“Mantida a grafia original do autor e preservada sua identidade”)

O amigo traidor

Como dis na história que ia, dois homens pela estrada, mas na hora que o urso atacou, um fugiu e deixou o outro sosinho que se fingiu de morto.

Nessa hora o amigo foi traidor com o outro homem, em vez de ele ir ajudar.

E ainda que o urso foi embora o outro foi tirar onda com a cara do amigo.

Eu acho que eu não ia fazer igual eu ia ajudar o meu amigo.

Mas isso é só na hora que conhecemos o falso amigo.

(“Mantida a grafia original do autor e preservada sua identidade”)

E

O Traidor

Na AABB uma das professoras contou uma história muito legal. Ela fala de um homem que falava que era amigo do outro homem.

Mas era mentira porque quando o outro estava correndo perigo o homem que diz ser amigo dele nem ligou para ele.

O homem que estava caído no chão continuou caído.

O outro que estava correndo nem se importou com ele.

Isso que é não ser um bom amigo.

Eu aprendi que quando o outro precisa de ajuda temos que ajudar porque se não nós precisarmos nossos amigos não vão querer nos ajudar.

(“Mantida a grafia original do autor e preservada sua identidade”)

“O Iguinorante”

A minha historia é assim:

Todas pessoas devem ajudar uns aus outros.

Eu acho que não é certo ficar sem ajudar as pessoas. Porque é falta de educação quando uma pessoa pede uma ajuda para gente para mim eu ajudarei se não for impossível.

Isto é o que eu entendi.

(“Mantida a grafia original do autor e preservada sua identidade”)